



Gil Clemente Teixeira

CRUZAR PEQUENOS MUNDOS DE POESIA: A RECEÇÃO DE 'OS LUSÍADAS' (1572) NO POEMA 'ULYSSIPPO' (1640) DE ANTÓNIO DE SOUSA DE MACEDO

FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA,
PORTUGAL

TEIXEIRA, Gil Clemente (2022) Cruzar pequenos mundos de poesia: a receção de 'Os Lusíadas' (1572) no poema 'Ulyssippo' (1640) de António de Sousa de Macedo, *Revista de Estudos Camonianos* – Núm. Extra, «Ternate 2022», Macau: Rede Camões na Ásia & África, 43-56.

1. Reconhecer um nome de um largo de Lisboa

Quem chega a Lisboa como turista, dificilmente resiste à tentação de andar, pelo menos uma vez, no quase sempre caótico elétrico 28, que faz um percurso pendular entre Campo de Ourique, próximo de um lugar chamado, algo funestamente, Cemitério dos Prazeres, e a praça Martim Moniz, na qual dançam, à porfia, a beleza e a fealdade. Nesse percurso, se o passageiro não se distrair com os rangidos da estrutura ou com as vozes sobrepostas, verá várias placas em ruas, largos e praças, evocativas de nomes normalmente desconhecidos pela multidão.

A toponímia sem a memória é, como toda a obra humana, profundamente frágil. Uma das placas reza assim: *Largo do Doutor António de Sousa de Macedo*. Na verdade, neste largo, encontramos pelo menos cinco placas com o mesmo nome. Afinal este autor viveu ali perto, no Palácio dos Condes de Mesquitela, hoje um condomínio de luxo, próximo do Palácio Cabral, hoje uma Junta de Freguesia. O seu túmulo está nas redondezas também, na Igreja das Mercês, no Largo de Jesus, vizinha do belíssimo liceu Passos Manuel. Desta figura nos falou recentemente Guilherme d'Oliveira MARTINS (2021) em texto facilmente acessível no mundo virtual.

Recordemos, com a ajuda de Ana Hatherly (HATHERLY 1999), alguns dados biográficos sobre este autor. Nascido no Porto em 1606, mudou-se muito cedo para Lisboa e estudou no Colégio de Santo Antão, instituição de ensino jesuítico que formou inúmeros intelectuais de relevo da vida cultural portuguesa. António de Sousa de Macedo conseguiu o título de Doutor na Universidade de Coimbra, tendo estudado Direito Civil. Assumiu várias funções públicas e foi uma figura importante no período da Restauração. Defendeu esta causa até morrer, na cidade banhada pelo Tejo e pelo sol, em 1682.

A sua obra, escrita em português, latim e castelhano, cobre áreas tão diversas como a história e a jurisprudência, o jornalismo e a literatura. Em 1999, Ana HATHERLY apresentou-nos uma listagem da sua obra e, mais recentemente, também o fez Pedro José Barbosa da Silva (SILVA 2015) na sua dissertação de mestrado orientada pelo Doutor Fernando Taveira da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem merecido especial atenção crítica o periódico *Mercúrio Português* (1663-1666), veja-se a coleção de estudos dedicada a este periódico organizada pelo investigador Jorge Pedro Sousa (SOUSA 2012).

Da vasta obra de António de Sousa de Macedo interessam sobretudo as produções literárias: o poema heroico *Ulyssippo*, publicado em 1640, que canta a fundação de Lisboa por Ulisses, e a obra *Eva e Ave, ou Maria Triumphante* (título abreviado), publicada pela primeira vez em 1676, obra de carácter religioso de grande sucesso editorial. Este título que dele citamos é já uma obra da maturidade, que levou um autor como Aquilino Ribeiro (1885-1963), em *Um escritor confessa-se*, a escrever:

Um dia o Rego presenteou-me com a Eva ou Ave, o primeiro livro que descerrou ao meu espírito os largos horizontes do saber e da madureza humana.

RIBEIRO 2008:117

Do autor portuense costumam citar-se também as *Flores de Espanha, Excelências de Portugal* (título abreviado), obra publicada em 1631, contava o autor com apenas 25 anos. Ela mereceu uma reedição facsimilada em 2003, com um prefácio assinado por Pedro da Costa de Sousa de Macedo. Foi-lhe também atribuída a autoria da *Arte de Furtar*, cuja *editio princeps* data de 1652, embora desde a edição crítica desta obra, publicada por Roger Bismut em 1991, pareça ter-se assentado a sua atribuição ao padre jesuíta Manuel da Costa.

A juventude de António de Sousa de Macedo foi literariamente profícua, fruto certamente justificado pela sua esmerada educação. Viu o seu poema heroico publicado com apenas 34 anos e, de acordo com a informação lembrada por Pedro da Costa de Sousa de Macedo, este já estaria concluído antes das *Flores de Espanha, Excelências de Portugal* (MACEDO 2003:17), isto é, teria o autor cerca de 24 anos. Tal é admirável e inverso, afinal, à roda de Virgílio. Vamos, pois, dedicar atenção a este poema.

2. *Ulyssippo* (1640)

2.1. Fortuna crítica

O poema heroico *Ulyssippo* foi publicado com as licenças necessárias (lemos na capa). Frei Aires Correia, qualificador do Conselho Geral, escreveu a primeira licença do poema, datada de dezembro de 1637. Merecem relevo as suas palavras:

se he no escrever segundo, he sem primeiro na excellencia com que o faz, no levantado com que ilustra as grandezas Portuguezas, na suavidade dos versos com que as canta, dignos de serem eternamente aplaudidos

De facto, o tema do poema tinha já sido declinado por Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulissea* publicada em 1636, poema que virá a merecer mais edições do que o *Ulyssippo* (cinco entre 1636 e 1827). Mais recentemente, este poema anterior mereceu uma edição crítica feita por Segurado e Campos (2000).

Pedro da Costa de Sousa de Macedo lembrou já que Gabriel Pereira de Castro era casado com Joana de Sousa,

prima co-irmã de Gonçalo de Sousa de Macedo, por ser filha de Matias de Sousa, irmão de Filipa

de Sousa. É possível que tenha de alguma forma inspirado António de Sousa de Macedo na composição do seu *Ulyssippo*.

MACEDO 2003:17

Para o censor, porém, esse segundo lugar na cronologia não significa segundo na qualidade. A harmonia dos versos de António de Sousa de Macedo é profundamente louvada: *compõem hua armonia de todas, que, qual musica, não só nas vozes, mas na ordem dellas, nos recrea*.

Aliás, na licença assinada por Diogo de Paiva de Andrada, datada de 1638, reafirma-se a certeza da qualidade da obra: *Por excelente julgo este livro*. Os poemas apresentados após as licenças insistem no mesmo ponto, o que, na verdade, em nada difere dos poemas antepostos a obras do mesmo tempo de qualidade duvidosa. Estes poemas laudatórios pertencem a figuras relevantes da república das letras portuguesas do século XVII: António de Almada de Mello, Dom Diogo de Lima, Fernão Pereira de Castro, Diogo Gomes de Abreu, António Barbosa Bacelar, Vicente de Gusmão Soares, Alonso de Alcalá y Herrera, Pedro de Noronha de Andrade, Diogo de Paiva de Andrada, Manuel Pires de Almeida.

Os vindouros, porém, e ao contrário do que por vezes sucede, concordaram com estes juízos positivos dos contemporâneos de Sousa de Macedo. Se conhecermos a fortuna crítica da maioria dos poemas épicos pós-camonianos, perceberemos que estamos perante um caso com uma fortuna crítica muito favorável.

Barbosa Machado apresenta a figura de Macedo de forma laudatória. Sobre o seu doutoramento em Coimbra, escreve que

mereceu a inveja, e a veneração de todos os Catedráticos daquela insigne Atenas

MACHADO 1741:399

Porém, o autor nunca

enfermou do comum achaque dos Sábios, qual é o desvanecimento, antes affectava ignorância sendo uma animada Enciclopédia

MACHADO 1741:400

A coleção de elogios recolhida pelo bibliógrafo espelha a grande consideração em que era tido o poeta:

Seria quase impossível transcrever neste lugar os elogios que a este grande Varão dedicaram muitos escritores

MACHADO 1741:400

Convém recordar que o poema foi reeditado em 1848, num período conturbado da vida política portuguesa que conduziria à Regeneração, iniciada em 1851. Como se lê na Notícia do Autor, texto não assinado:

Poema novamente impresso, que não tem a superioridade a que alguns o elevão, nem a inferioridade a que outros o abatem

MACEDO 1848

...juízo oitocentista de uma grande lucidez.

É curioso notar, do ponto de vista cultural, que o exemplar desta edição que consta na Biblioteca Nacional de Portugal pertenceu à Biblioteca de Jorge de Sena, camonista conhecedor da épica pós-camoniana.

Pouco tempo depois, Costa e Silva dedicou um capítulo integral a este autor no seu clássico *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*. De todas as obras de Macedo considera que apenas a *Ulissipo* salvou o seu autor do esquecimento:

Qualquer porém que seja o merecimento dos escriptos prosaicos de António de Sousa Macedo, é certo que o seu nome jazeria agora sepultado, como o de muitos outros, nas livrarias dos Jurisconsultos, e dos exclusivamente eruditos, nem figuraria brilhante, e respeitado na memória dos amadores do bello idyoma, e da poesia da Lusitania, se o seu Poema sobre a edificação de Lisboa, intitulado *Ulissipo* lhe não houvesse dado um lugar distincto no nosso Parnaso, entre os melhores Epicos Portuguezes.

SILVA 1853:119)

Não deixa, porém, de lembrar:

Não quero porem que se entenda que tudo me parece bem no *Ulyssipo*; cousas ha nelle que me parecem reprehensíveis, e muito mal combinadas.

SILVA 1853:121

Curiosamente, como sucede na crítica camoniana, um dos defeitos apontados é a mistura do maravilhoso pagão com o cristão. Os passos que cita como exemplo de mérito poético são a fábula dos dois cachopos da barra de Lisboa, a descrição das margens do Tejo, as honras fúnebres tributadas por Ulisses a Penélope pela notícia da sua morte, o mito sobre a origem do nome de Cacilhas, a história de Nise e de Arroios, o consílio infernal, o combate entre Ulisses e Gorgóris, embora considere que outros seriam dignos de citação.

No *Dicionário Bibliográfico Português*, António de Sousa de Macedo não é esquecido por Inocêncio Francisco da Silva, que escreveu:

Todas as obras portuguezas d'este nosso clássico são estimadas, e dignas de muito apreço, não só pela riqueza de notícias que n'ellas há, mas por sua pureza e elegância de phrase. No que diz respeito a erudição e saber, poucos são os contemporâneos que possam levar-lhe vantagem.

SILVA 1858:278

Já no século XX, Cabral do Nascimento também não se esqueceu deste autor e reafirma, como os censores do século XVII, a superioridade do poema em relação à obra de Gabriel Pereira de Castro:

Mais sensibilidade do que o autor da *Ulisseia* não há dúvida que ele a possuía; e, quando à efabulação do poema e seus acessórios, é também certo haver revelado maior originalidade.

NASCIMENTO 1949:42-43

O seu juízo final merece citação:

Não parece, aliás, favor excessivo elogiar o poema de António de Sousa de Macedo, porque nele se encontram estrofes verdadeiramente dignas de aplauso. Se o autor, sob o aspeto eponarrativo, careceu de qualidades próprias do género, em compensação revelou dotes suficientes para vencer como lírico. Perca-se, embora, o épico, mas salve-se o artista.

NASCIMENTO 1949:43

Hernâni Cidade vê neste poema um exemplar do que designou de literatura autonomista:

o que importa é concluir que nos seus versos continua aceso o mesmo espírito de exaltação autonomista, persistente durante todo o domínio castelhano, umas vezes vestindo aparências que dificultam o senti-lo, outras delirando em patriotismo megalómano; sempre, todavia, impedindo que a dependência política se convertesse em absorção espiritual.

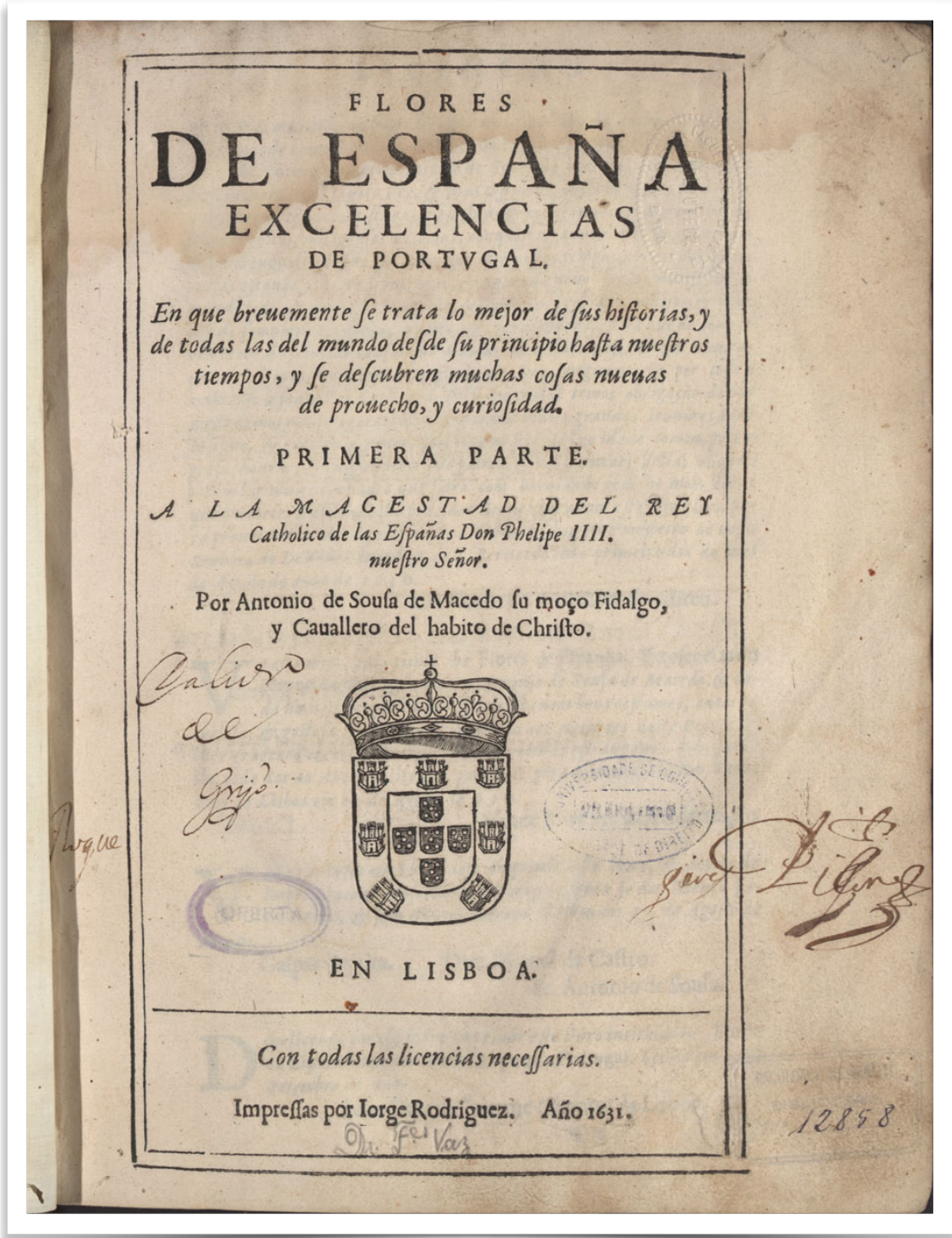
CIDADE 1950:207

Eugenio Asensio (1974) debateu já, e bem, esta tese de Hernâni Cidade.

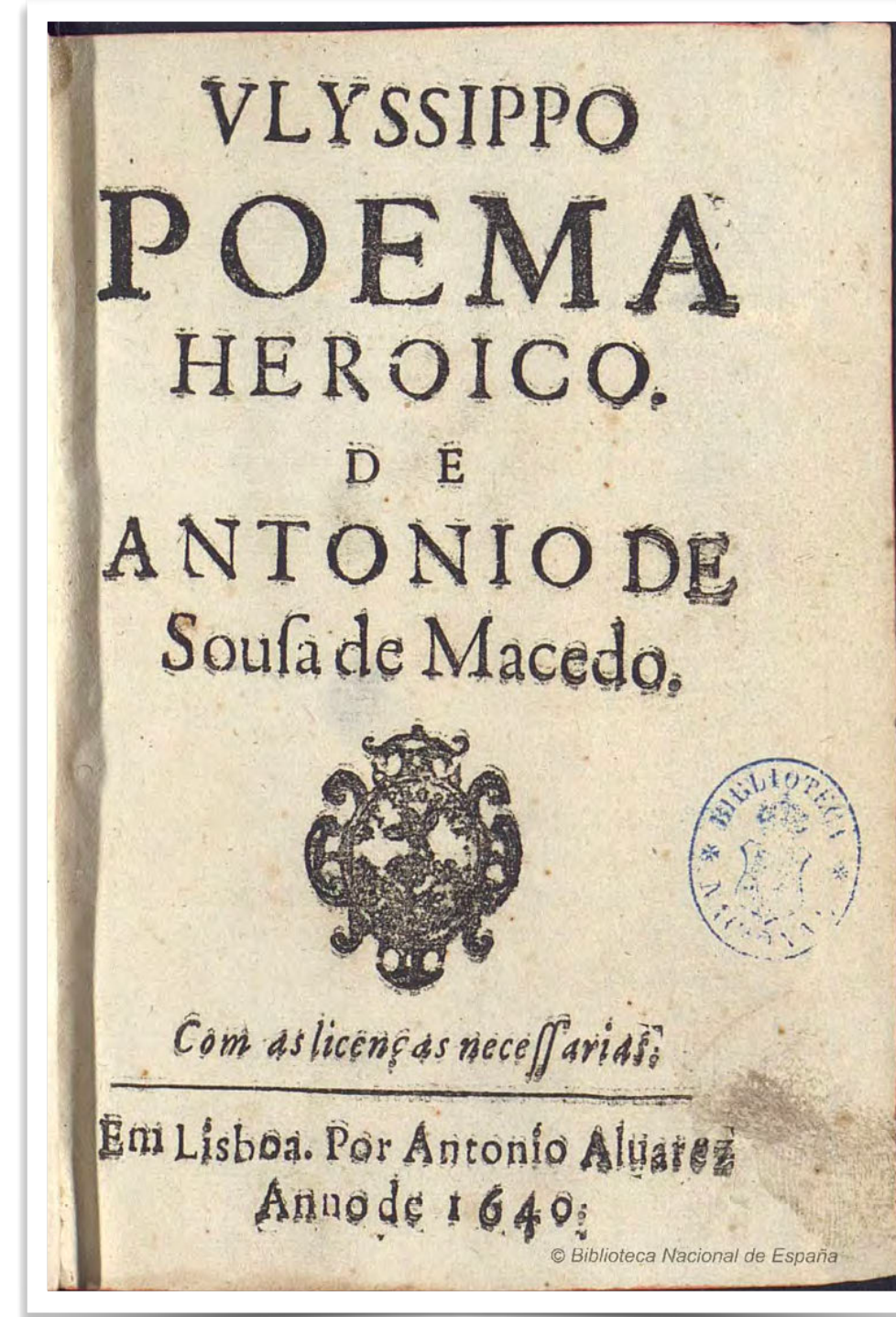
Mais negativos foram os juízos de Rosado Fernandes e de Óscar Lopes e António José Saraiva. Raul Miguel Rosado Fernandes considera o poema

falho de imaginação e de equivalente estilo poético visto que está inçado de demasiados lugares comuns e latinismos perfeitamente dispensáveis.

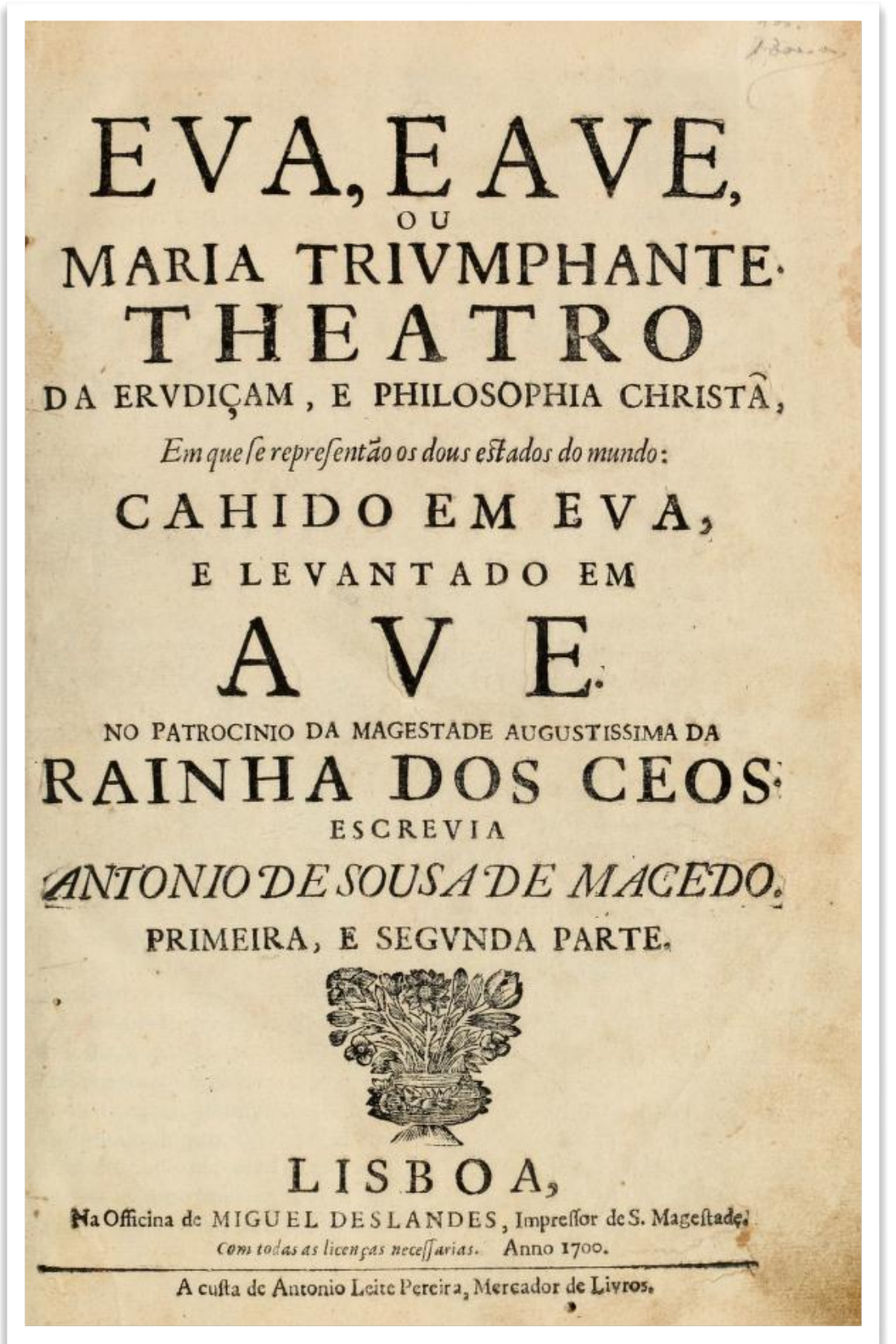
FERNANDES 1985:157



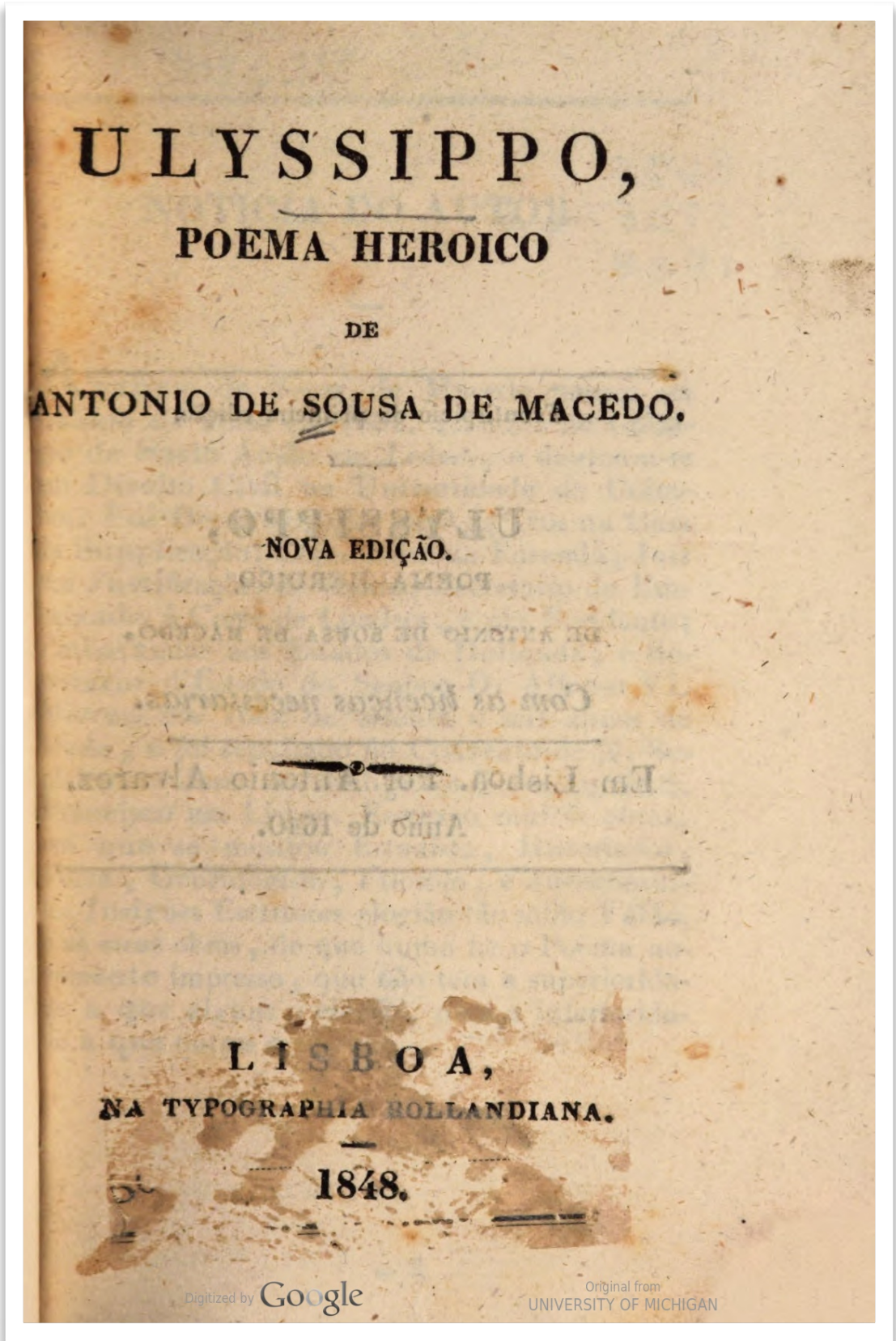
1631, Flores de España, Excelencias de Portugal



1640, Vlyssippo, poema heroico



1700, Eva, e Ave, ou Maria triumphante



1848, Ulyssippo, poema heroico, nova edição

e não se mostra muito sensível à *vida sentimental um pouco 'lamecha' do herói grego* (FERNANDES 1985:153).

Já Óscar Lopes e António José Saraiva apresentam o poema com pouco entusiasmo:

O que mais enfada na obra é, precisamente, este compromisso insustentável, decerto mais para o gosto moderno que para o do tempo, entre a mitologia e uma realidade notada, por vezes, o mais prosaicamente possível, como quando, por exemplo, se enumeram no Canto II todas as culturas agrícolas, todas as principais espécies botânicas e zoológicas da região de Lisboa, pelos seus próprios nomes, sem transposição mitológica.

LOPES & SARAIVA 2001:372

Devemos ressaltar que a descrição referida ocorre sim no Canto III.

Manuel Ferro (2004) refletiu sobre as licenças que precedem este poema, lembrando a sua acomodação à teorização sobre o poema épico escrita por Tasso. Estamos perante um poema que

em tudo parece preencher os requisitos teóricos do poema épico.

FERRO 2004:304

Mais recentemente o poema mereceu estudos, em que surge a par de outras epopeias, da autoria de Rui Carlos Fonseca e Christopher Kark. Se Rui Carlos Fonseca (2016) fez um levantamento da presença de constelações que recuperam a memória de metamorfoses astrais na *Ulissipo*, aproximando o poema dos *Catasterismos* de Eratóstenes, Christopher Kark (2014) estuda o papel das profecias na *Ulisseeia* de Gabriel Pereira de Castro e no poema em estudo.

Feito este percurso crítico, certamente incompleto, podemos sublinhar a fortuna crítica feliz de um poema com 382 anos, embora sempre tenha ficado à sombra dos modelos que imitou.

2.2. O poema como um clube de poetas vivos

Um poema heroico assume-se sempre como um lugar de coexistência de vozes, e essas vozes remontam sempre aos clássicos da Antiguidade. A primeira estrofe do poema recupera logo Homero e Virgílio (decidimos modernizar, com moderação, a ortografia do poema, para facilitar a sua leitura):

*Canto o varão que por fatal governo
De Grécia a Lusitânia peregrino
Fundou ilustre muro, e nome eterno*

*Onde ao mar torna o Tejo cristalino.
Muito obrou, e sofreu; e em vão o inferno
Se quis opor contra o poder divino,
Que o guardou para autor naquela idade
De muitos Reinos nua só cidade.*

I, 1

A escolha de Ulisses para herói de um poema barroco já é, por si, significativa, filiando logo o poema à *Odisseia* de Homero. Já no século XIX escrevia Costa e Silva:

Nos trechos, em que o seu assumpto o obriga a recorrer a materias já tractadas pelo Epico Grego, elle o faz ordinariamente com grande discrição, e artificio, aproveitando-se da Iliada, e da Odisseia, sem com tudo as traduzir servilmente.

SILVA 1853:121

No Canto VI, o poeta revê toda a história de Ulisses desde a guerra de Troia até aos obstáculos vividos na viagem de regresso a Ítaca. Homero estará sempre na memória do poeta:

As batalhas do Ulyssipo, à maneira das de Homero, são cheias de fogo, e de variedade, os combates particulares cortam os choques das massas.

SILVA 1853:154

Porém, o leitor de Virgílio reconhece na proposição o diálogo com a *Eneida*: Eneias foi o que muito sofreu, aquele que fundou uma cidade berço de um império.

Não se pense, porém, que iremos ver uma imitação servil das matrizes: reparemos que o poeta apenas canta o varão (não as armas e o varão); reparemos que o poema apresenta catorze cantos, e não doze, como a *Eneida*. A crítica repete, por vezes, um erro antigo que herdamos de Barbosa Machado, que escreveu ter o poema treze cantos (MACHADO 1741:401). Para tornar mais clara a arquitetura da obra, registamos o número de estrofes por canto: Canto I (78 estrofes), Canto II (87 estrofes), Canto III (89 estrofes), Canto IV (69 estrofes), Canto V (87 estrofes), Canto VI (100 estrofes), Canto VII (86 estrofes), Canto VIII (75 estrofes), Canto IX (61 estrofes), Canto X (64 estrofes), Canto XI (84 estrofes), Canto XII (84 estrofes), Canto XIII (70 estrofes) e Canto XIV (80 estrofes).

No início do Canto IV, o poeta insere um catálogo de heróis lusos à semelhança das epopeias clássicas, como lemos n'As *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes ou na *Argonáutica* de Valério Flaco. Costa e Silva já notara:

que o Poeta tinha grande conhecimento dos Epicos Gregos, e com especialidade de Apollonio de Rhodes, a quem imita muitas vezes,

especialmente no cuidado de dar a origem mythologica dos nomes de muitos logares do paiz.

SILVA 1853:129

Vejam-se, a título de exemplo, o mito que justifica o nome de Cacilhas, na margem sul do Tejo (Cassília, mãe de Calipso, V, 63) e o mito que justifica o nome da Serra da Estrela (união do casal Hermínio e Estella, XIII, 11).

Os poetas italianos ocupam também a mente de Sousa de Macedo. A *Jerusalém Libertada* de Tasso era uma matriz impossível de esquecer ao autor que se abalançava ao género épico no século XVII. Costa e Silva associa-o também a um outro italiano, Marino, quando escreve sobre os episódios eróticos do poema, garantindo que nenhuma das epopeias portuguesas apresenta tanta quantidade de episódios deste tipo. Estamos, de facto, perante uma epopeia singular em que se fala muito mais de amor do que de guerra. Talvez já aqui possamos ver um sinal de um diálogo singular com um poeta também ele singular: Camões. É, aliás, Manuel Pires de Almeida, conhecido camonista, o primeiro a sugerir-nos um paralelismo entre os poetas no epigrama latino inscrito nos paratextos iniciais da epopeia:

*Donec captum oculis uenerata est Graecia uatem
Mirata Andinum est itala terra suum:
Donec Ronsardus pretium tibi Gallia; Tassus,
Garciaque Hesperiae numen utrique, fuit:
Arma, uirosque canens, vicit Camonius omnes,
Et lauri externae nunc sine honore iacent.
Sed Sosa condentem Vrbem,
Orbem, cum dicis Ulyssem
Soli pro Vrbe Tibi laureus Orbis adest.*

Notemos: se é certo que Camões vence todos os poetas (Homero, Virgílio, Tasso, Ronsard, Garcia), tal não significa que Sousa de Macedo não tenha o seu lugar no panorama literário como dedicado cantor da cidade de Lisboa.

2.3. Dialogar com *Os Lusíadas* de Camões

a) A invocação, a dedicatória, o herói da narração

A invocação do poema ocupa apenas uma estância (I, 2). A presença do texto épico de Camões não é difícil de identificar:

*Dai-me canora voz, metro elegante
Que dignamente vossa empresa cante*

I, 2

Ao contrário de Camões, a inspiração não é pedida às Tágides, mas à entidade suprema que tudo rege na

luzente republica de estrellas (I, 2). As Tágides, porém, não se apagaram da memória do poeta, como se verá no Canto IV:

*O estrondo militar, que a toda a parte
Em ecos espantosos retumbava,
No seio de cristal com voz de Marte
As Tágides fermosas perturbava.
Turbou ao Tejo o bélico estandarte
Que na corrente pura retratava;
E deteve-se hum pouco irresoluto
Em ir ao mar com líquido tributo.*

IV, 34

Aliás, é curioso que o poeta no Canto VIII invoque a Musa para cantar o combate entre Gorgóris e Ulisses. No mesmo sentido, a dedicatória que, curiosamente, apenas ocupa duas estrofes (I, 3-4), não é feita a um rei, como D. Sebastião, mas a Santo António, figura emblemática da cidade de Lisboa, o que revela, desde cedo, a devoção cristã do poeta e o apego pela cidade amada. A dedicatória d'*Os Lusíadas*, porém, é o hipotexto deste passo, como se comprova pelo recurso aos imperativos *Vereis, Ouvi* (I, 4).

O herói da narração é Ulisses, do qual conhecemos dimensões que o Gama camoniano não revela. Sobre Ulisses e a cidade de Lisboa, é iluminador o texto de Raul Miguel Rosado FERNANDES (1985). No Canto IV, devido a uma ferida de amor, o poeta adjetiva o grego de *descuidado* (IV, 38), como o rei D. Fernando d'*Os Lusíadas*, apresentado como *Remisso e sem cuidado algum* (Lus. III, 138). Ulisses, porém, resiste à tentação do amor e mantém-se fiel a Penélope até receber a notícia da sua (falsa) morte. É muito curioso ver o herói a dirigir-se ao deus do Amor:

Só quem não sabe o que és, por ti suspira

IV, 49

*És caçador astuto a incautas aves,
Lobo voraz em forma de cordeiro,
Crocodilo com vozes mais suaves,
Áspide em flor, amigo lisonjeiro;
Doce ministro de tormentos graves,
Guia traidora, falso conselheiro,
Guerreira paz, e tempestuosa calma,
Que a sente o peito, e não a entende a alma.*

IV, 50

Porém, Ulisses não permanecerá sem companhia amorosa. No Canto IX, Calipso, filha do rei lusitano, rejeita o luso Polymion, mas enamora-se por Ulisses (e ele por ela):

Qual cristalina fonte a caminhante

*Pelo rigor do estio mais sequioso,
Qual desejado porto a navegante
Pela força do inverno proceloso;
Qual fora achar hum lúcido diamante
Em deserto caminho ao cobiçoso,
Foi sua vista ao venturoso Grego,
Que Amor deixou com esta vista, cego.*

IX, 57

que inveja os gregos. Após um conselho nas zonas infernais,

*Despede os conselheiros, acomete
Vários meios, consigo imaginando
Como destruirá, e dará morte
Ao Grego sábio, à companhia forte.*

I, 21

No último Canto, Ulisses defronta Polymion, sem perder a *piedade da memória* (XIV, 55). Polymion, *bravo Lusitano* (XIV, 55), tendo perdido Calipso para Ulisses, assim fala:

*Pode sem coração viver hum peito?
Sem alma hum corpo? estranha crueldade!
Não queres matador, ser homicida?
Queres a alma tirar, deixando a vida?*

XIV, 69

Morre então o herói que antes motivara os lusitanos a não se deixarem subjugar:

*Segui-me Lusitanos sem receio,
Não sujeiteis a pátria a jugo alheio.*

VIII, 64

Que reação despertaria, afinal, ler um poema no período da Restauração, já não de monarquia dual, em que um luso morre às mãos de um herói que pertence a um povo invasor (neste caso, os gregos)? O exemplar do poema que consta na Biblioteca Joanina em Coimbra apresenta a seguinte informação: F. 192, *mut. ofendendo o texto* (precisamente este episódio final). Não será este um indício interessante da sua receção? No exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, cuja cota é RES. 5248 P. e se sabe que veio para a BNP transferido do Liceu Passos Manuel, faltam as estrofes 32 a 43 do Canto II (parte final do relato de Aucano a Ulisses e início da narração do sonho do herói com Galateia), as estrofes 44 a 55 do Canto V (descrição do amor por Calipso que em Ulisses floresce), as estrofes 8 a 43 do Canto VII (passo de descrição da batalha entre gregos e lusos), estas últimas acrescentadas manuscritas num apenso colado ao livro. Por que terão sido arrancados estes passos? Ato involuntário de um leitor? Reação acesa de um leitor incomodado com um Ulisses amante e dedicado a combater o povo luso?

b) Memória do consílio dos deuses e da tempestade

Como na *Eneida*, a tempestade tem lugar no primeiro Canto, mas, ao contrário da *Eneida*, e à imagem reformulada d'*Os Lusíadas*, um consílio de monstros infernais também. Não são Juno, nem Baco, os responsáveis pelo início da tempestade, mas sim Plutão

O episódio camoniano que ocupa parte do Canto VI está na mente do poeta, como se comprova com os versos: *Amaina, amaina, gritam, e amainando / Os ventos se antecipão a rompellas* (I, 23). A diferença materializa-se na forma de resolver a tempestade: não são já as belas ninfas camonianas que amainam os ventos, mas é a suma divindade que acede à súplica de piedade feita por Ulisses (I, 31), com os seus olhos *de paternal brandura* (I, 33). O herói, como pagão, não compreendeu:

*Atribuiu a súbita mudança
O pio Capitão ao Céu benino,
Mas, como o alto mistério não alcança,
De Minerva o julgou favor divino.*

I, 36

No poema, é sempre Deus e Plutão, um novo Baco movido pela inveja, que protagonizam o plano do maravilhoso. No mesmo Canto I, Ulisses sonha com um vulto infernal que tenta dissuadi-lo da empresa de aportar na Lusitânia, mas logo surge um vulto celeste que o persuade do contrário. No Canto VII é também Plutão que inspira a guerra entre gregos e lusitanos através de Aleto que, disfarçada de Luso, um *velho venerando* (assim é descrito n'*Os Lusíadas*), surge ao luso Polymion em sonhos.

c) Memória da narração de feitos passados

No Canto II, Ulisses pede ao luso Aucano, um *velho venerando* (II, 6), que lhe narre o passado dos lusos, à semelhança do pedido feito pelo rei de Melinde a Vasco da Gama no final do Canto II d'*Os Lusíadas*. É difícil não recordar o texto camoniano quando Aucano diz:

*Nesta soberba costa do Oceano,
Onde Espanha se acaba, e o mar começa,
Se estende o nobre Reino Lusitano,
Da celebrada Europa alta cabeça.*

II, 8

No final do Canto V sucede o contrário: o rei lusitano Gorgóris recebe um embaixador dos gregos, Ploto, e pergunta-lhe:

*Donde he teu Rey, a quem a origem deve,
Fora da patria, que sucessos teve.*

V, 87

O pedido motiva uma narração que ocupa todo o Canto VI sobre o passado de Ulisses, que evoca textualmente a narração camoniana do Gama. Veja-se o primeiro verso: *Promptos estavam todos esperando* (VI, I), que reformula o *Prontos estavam todos escutando* (Lus. III, 3), e o final

*Aqui, no valor teu benignidade,
Devido hospício, e proteção buscando
Esperamos achar, Rei excelente,
Vida descanso, e pátria juntamente.* VI, 99

...que dialoga com a estância 85 do Canto V d'*Os Lusíadas*. Ao contrário, porém, do texto camoniano, a relação entre os povos não se consolida após a narração. É relevante que neste poema exista o relato do passado dos dois povos em confronto: n'*Os Lusíadas* não escutamos o passado dos melindanos que acolhem os portugueses.

d) Memória das despedidas em Belém

No Canto III os gregos são recebidos por Aucano na sua casa, o que desperta a fúria de Plutão, novo Baco:

*Mas que digo? Onde vou? Tanto me acanha
A desesperação em que me vejo?
Quando falta o poder, não supre a manha?
Tão impossível he o que desejo?
Tão intrépido ardil, força tamanha
Tem esta gente vil com que pelejo,
Que eu, que fiz guerra a Deus Omnipotente,
Não posso destruir tão baixa gente?* III, 34

Plutão envia Alecto a semear a cizânia entre os portugueses (III, 36), o que justificará o temor do rei da Lusitânia perante os gregos. A guerra é necessária e para isso os lusitanos precisam de se despedir dos seus familiares (III, 53-86). A ampliação do episódio camoniano das despedidas em Belém é belíssima. Leia-se a despedida emotiva de uma mãe:

*Ó não permitas que os cansados anos
Me acabem sem te ver tão cruelmente,
E viver me deixassem só, tiranos,
Para me ver morrer de ti ausente;
Não faltam valerosos Lusitanos
Que ponham pela pátria o peito ardente;
Não tens porque ir à guerra, ó filho caro,
Desta afligida mãe único amparo.* III, 55

Ou de uma esposa:

Qual com trémula voz, que mal se entende

*Oprimida na dor que encerra o peito,
Diz ao querido esposo, a quem pretende
Deter pequeno espaço em laço estreito:
He possível que amor assi se ofende?
Não he, mas não mo tínheis vós perfeito;
Que a tê-lo, qual poder fora bastante
A apartar-vos de mim hum breve instante?* III, 56

*Não sabeis vós, que em vossa companhia
Há de ir meu coração a defender-vos,
Pondo-se por escudo à vã porfia
Dos golpes que quiserem ofender-vos?* III, 57

Ampliando o texto de Camões, o leitor pode encontrar os heróis lusos a despedirem-se dos seus filhos:

*Tal, por mais obrigar co a doce prenda
O filho em braços traz, que ou, estranhando
Do belicoso traje a forma horrenda,
Esquiva ao pai, abraça a mãe chorando;
Ou, sem temor, procura em vã contenda,
As plumas alcançar, ou já, tocando
O elmo luzente, busca outro menino,
Que ele mesmo traslada ao metal fino.* III, 58

É difícil não lembrar Astíanax com medo de Heitor, passo belíssimo do final do Canto VI da *Ilíada*. Já as mulheres chorosas trazem à memória do leitor a cena de súplica de Inês ao rei Afonso IV:

*Verei se este penhor de vós alcança,
Este penhor amado, o que eu não posso* Lus., III, 59

No texto camoniano os homens nada respondem. Aqui, porém, ouvimos a sua voz:

*A Deus, (algum dizia) que o cuidado
Desta saudade vossa vai comigo,
Qual cervo, que fugindo atravessado
A seta que o feriu leva consigo.* III, 62

Ao contrário d'*Os Lusíadas*, a *Ulissipo* oferece-nos um quadro de uma despedida particular: a de Lísio e Clícia, que traz à memória o mito clássico de Apolo e Clície. Esta história será retomada em cantos posteriores (VIII, 68-75) até à união do casal (XI, 62):

*Não se atreveu a ser tão duro o fado
Que dividisse tão fiéis amantes;
Restituídos à saúde em breve
Seu grande amor feliz sucesso teve.* VIII, 75

Até um pai a despedir-se vemos nesta cena:

*O pai, a quem a idade não consente
Tornar a ver o marte conhecido,
Sábio talvez, talvez impertinente
No filho emenda as armas, e o vestido.
Sai até à porta a vê-lo, e brevemente
Com paternal affecto despedido
Lhe diz, no rosto, e voz grave, e severo
Ou com honra, ou sem vida vos espero.*

III, 86

Nem mães, esposas, filhos ou pais demovem os lusitanos de partirem para a guerra, pois a cada um *lhe influe esforço mais que humano* (III, 60). Queriam mais, no fundo, do que prometia a força humana. Caminhavam por *estreitos caminhos, e fragosos* (III, 88), como é, afinal, o caminho da virtude (*Lus.* IX, 90).

e) Memória da Ilha Namorada

Ulisses sabia, porém, que na guerra contra os lusos ia sair vencedor. No Canto II, enquanto dorme no barco, o herói tem um sonho:

*Em visão peregrina imaginava
Que vinha pela popa Galatea,
Fermosa por extremo se mostrava,
Em cuja vista Ulisses se recrea.
Com maior força as águas abrasava,
Que aos polos congelados Citerea,
Em fermosura tal Amor se atreve
Tanto fogo causar de tanta neve.*

II, 42

Esta Galateia (eco da fama da fábula de Gôngora) toma o papel de uma nova Tétis:

*Que se era Poliphemo indigno amante
Er'ella digna d'hum amor Gigante*

II, 44

Não ecoará neste passo a pergunta de Tétis no episódio camoniano do Adamastor:

*Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante*

Lus. V, 53

Esta Galateia conduz Ulisses ao interior do rio Tejo onde lhe mostra um *Globo universal* (II, 46), através do qual lhe profetiza os seus feitos futuros. Não ecoará aqui a máquina do mundo de Camões? Hernâni Cidade também sentiu este eco:

Um mapa se ostenta, em que a ninfa, que parece ter sido ouvinte de Tétis, na Ilha dos Amores,

mostra ao herói as diferentes partes do mundo e o futuro que os Fados lhe destinam.

CIDADE 1950:204

Nem faltam ninfas belas, embora aquáticas:

*A beleza das Ninfas que a seu lado
O Reino alumiavam cristalino
Fazia ser o húmido elemento
De tanta estrela etéreo firmamento.*

II, 84

Não deixa de ser interessante ler o que sobre este episódio dirá Ulisses no Canto XIII:

*O mesmo (ó companheiros) me assegura
(Fosse verdade ou já visão fingida
Entre sonhos da força de hum desejo)
O que no seio vi do claro Tejo.*

XIII, 6

Hélio Alves, sobre este passo, escreve:

António de Sousa de Macedo imitou a descrição universal camoniana de tal forma que se afundou totalmente: ela atraiu-o como um íman e engoliu-o junto.

ALVES 2020:520

pois...

Só um poeta maior pode, imitando qualquer destas duas passagens (Máquina do Mundo e Adamastor) sobreviver.

ALVES 2020:520

Preferimos sublinhar a inversão total do episódio camoniano: o herói vê a máquina do mundo no fundo do rio em pleno sonho, por oposição ao Gama que vê o mundo, bem acordado, do cimo de um alto monte.

No Canto V, o leitor conhece o grego Nabâncio que, qual novo Actéon, espreita uma dama guerreira junto a um lago. Saindo *das ramas que o occultavam* (V, 12), assusta a deusa e eis que Nabâncio vai no seu encalço, qual novo Leonardo a perseguir Efire:

*Aguarda (lhe diz ele) escuita, espera,
Porque foges de hum rendido?*

V, 14

Pois que te ei de alcançar, porque não paras?

V, 16

Ao contrário de Leonardo, porém, não consegue alcançá-la, e afirma:

*Como ó cruel, pudeste assi escaparte
De minha vista (diz) em vão buscada,
Eras vento, eras sombra, sonho, ou nada?*

V, 32

*O decoro, e o amor combatem a alma,
Mas o affecto mais doce alcança a palma.*

No Canto VII, ainda procura por Arminilda:

XI, 22

*Onde te escondes (entre si dizia)
O Bellona gentil, a meu desejo?*

VII, 16

O decoro é um conceito fundamental na mundividência barroca e por isso era difícil entender, sem instrumentos como a alegoria, uma dama a cair aos pés do amante que a persegue. Daí as palavras de Sibila no Canto XI:

*Deça do Ceo Amor, una consigo
Pudicos corações com fiel chave,
Com laço indissolubil, paz segura,
Santa ley, larga fé, vontade pura.*

XI, 83

f) Memórias de Inês e de Adamastor

No Canto XI, conhecemos Dorínia, que ama Argil (que ama Solisa), e que, tendo em si a guerrear o decoro e o amor, pergunta-lhe o primeiro:

*Como, ó Dorínia, a joia mais preciosa,
(O decoro clamava) sem respeito
A teu estado, arriscas? Como as santas
Observações que te ensinei quebrantas?*

XI, 16

*Na rosa mea aberta, e que inda em parte
O botão verde esconde, Amor ensina
(Se advertes bem) que a tímida donzela
Quanto se mostra menos he mais bela.*

XI, 17

Amor, porém, usa um discurso diferente:

*Não vês (lhe diz) que todo o peito humano
Só de amorosas glórias se alimenta?
Pois como? És filha tu de tigre Hircano?
Também ao fero tigre Amor sogeita;
Não tens peito de ferro, ou de diamante
Para te envergonhar de ser amante.*

XI, 18

*O passarinho que de ramo em ramo
Com doces ânsias pelos bosques erra,
Vai dizendo ao que segue: eu amo, eu amo
Mostrando as vozes o que o peito encerra.
Não escapa de Amor o veloz gamo;
O leão generoso na alta serra
Se hum rugido talvez do peito tira
Cuidamos que he furor, e ele suspira.*

XI, 20

Em Dorínia,

Reveste-se de uma profunda humanidade uma personagem que no seu peito concentra *colóquios entre si contrários* (XI, 33). Parte para o combate, mas, tragicamente, é ferida por Argil, o seu amado:

*Nos braços a levanta brandamente,
Quando conhece o angélico sembrante
Perdida a cor, e a graça peregrina;
Como cortada a cândida bonina.*

XI, 38

Como não lembrar a descrição camoniana de Inês de Castro sem vida (*Lus.* III, 134)? Dorínia, porém, não morre, mas é cuidada por Chiron e vê o seu amor correspondido por Argil. Não faltam na Ulyssippo histórias de amores felizes.

Há lugar também para o amor infeliz. No Canto XIII, Clorinaldo, herói luso, conta a história de Nise, o que nos lembrará que no Canto VI d'*Os Lusíadas* Leonardo pedira uma história de amores para passar o tempo e esta lhe fora negada por Veloso. O protagonista dessa história é um gigante, de nome Arroios, feio e de grande estatura, desterrado de praias africanas, que ama Nise. A sua figura é-nos familiar:

*Este cabelo em ondas dilatado
Não cuides que orna em vão minha figura;
He rede certa ao voo acelerado
Das aves que aqui tem prizam segura.
Mas não a estranham; antes sem cuidado,
(Julgando-se do monte na espessura)
Me regalam cantando; ai se quizeras
Os regalos ouvir que aqui tiveras!*

XIII, 43

E no seu discurso invoca os seus antecedentes literários:

*Das forças que direi? Cousa he notória
Que iguais o mundo, nem terá, nem teve
Hum Poliphemo que hoje affecta gloria,
He a hum assopro meu átomo leve.
E (se Amor me não mata) triste história
Ouvirás dele, se a esperar se atreve;
Venha a ajudá-lo Centimano, Anteio
Adamastor, Encélado, e Tipheio.*

XIII, 48

Nise, porém, não se torna posse do gigante, pois uma metamorfose em fonte, de sabor ovidiano, salva-a dos braços deste:

*Em vão os fortes braços apertava
O fero Arroios, sem poder detê-lo;
Hua fonte manou de água, que logo
Foi sangue para mim, para ele fogo.* XIII, 58

Clorinardo reage deste modo, como o Adamastor camoniano quando percebe que está abraçado a um penedo, *mudo e quedo* (*Lus.* V, 56):

*Caí sem me sentir quasi sem vida
Sobre o frio cristal, que mais me inflama,
Junto à sua corrente (qual penedo
De que as águas nacião) mudo, e quedo.* XIII, 60

Embora para Costa e Silva este episódio tenha algumas *ideas disparatadas* (SILVA 1853:141), este crítico associa a capacidade de invenção poética de António de Sousa de Macedo com Virgílio e com o próprio Camões. Afinal, este tornou *para sempre interessante, e famosa no Mundo a Fonte das Lágrimas, fingindo que nella haviam as Nymphas do Mondego transformado as lagrimas* e fez do Cabo da Boa Esperança o gigante Adamastor. O navegante que por lá passa sente *que os bramidos das ondas rebatidas nas rochas sam os echos da sua voz ameaçadora*. (SILVA 1853:146). Este Adamastor lisboeta merece, pois, atenção.

Curiosamente, já no Canto I, quando o poeta narra a história dos Cachopos junto ao Tejo, o leitor se recorda do episódio camoniano do Adamastor. Estes apresentam-se deste modo a Ulisses:

*Nós somos filhos dos que ao Rei celeste
Quiseram combater com alto intento
Pondo escadas de monte sobre monte,
Para opor-se às estrelas fronte a fronte.* I, 65

A sua missão é semelhante à de Adamastor, mas estes tentam impedir a entrada de navegantes em solo nacional (no caso dos gregos, sem sucesso):

*Contra aqueles então nos armaremos
Suas soberbas naus aqui esperando,
Às quais com duro fim nos oporemos
Quando tomar presumam porto brando.
Quantos com sorte infausta acabaremos,
Que de largas viagens escapando,
À vista morrerão da pátria cara,
Para lhes ser a morte mais amara!* I, 70

g) Memória da descrição das bandeiras ao Catual e dos doze de Inglaterra

No poema não se relatarão apenas feitos do passado dos gregos e dos lusos, mas também se profetizarão feitos heroicos da nação portuguesa. No Canto X, aquando das bodas de Ulisses e de Calipso, organizam-se jogos. No palanque real, existe uma tapeçaria que apresenta cenas da história de Portugal, sobretudo batalhas. Não falta, por exemplo, uma breve referência a Aljubarrota (X, 21).

No Canto XI, uma Sibila apresenta os reis portugueses, embora afirme no início do seu discurso que deles não vai tratar:

*Largos encómios ficarão avaros
Ao louvor que se deve a tal grandesa,
Será o estylo humilde o plectro rouco,
Quem os puder cantar, os louva pouco.* XI, 71

A apresentação surge numa cadeia de perguntas que começa *Quem poderá cantar hum Rey primeiro* (XI, 72). O poeta recusa cantar os reis:

*Só cantarei a ilustre descendência
Em algumas famílias mais preclara.* XI, 78

Não poderemos ler aqui uma provocação subtil a Camões? Aquele não deixa, porém, de os enumerar e é muito curioso que essa lista termine em D. Sebastião e não integre os reis Filipes (XI, 77).

No Canto XII, é a vez de Chiron, na sua gruta em Chelas, profetizar feitos de heróis lusitanos que constam do templo da Fama:

*Vereis agora em profecia certa
Os famosos varões que espera a fama
Ilustre exemplo, que ao valor desperta,
E os altos pensamentos mais inflama.* XII, 23

A descrição de estátuas desse templo evoca a descrição de bandeiras feita por Paulo da Gama ao Catual: veja-se, por exemplo, a insistência nos demonstrativos «esse», «este» e no uso de imperativos como «Vede», «Olhai», «Notai». O texto camoniano está na mente do poeta: comprove-o o verso *Mem Rodrigues será de Vasconcelos* (XII, 40), que reescreve um verso d'*Os Lusíadas* (*Lus.* IV, 24), ou adiante, falando sobre Vasco da Gama:

*Este abrirá caminho felizmente,
Por nunca de antes navegados mares
Da praia Occidental até o Oriente
Achando novas terras, novos ares.* XII, 49

Notem-se os sintagmas camonianos invertidos no verso que marcamos com itálico. Tal prática é recorrente no poema desde o princípio: *O coração pressago, que não erra* (I, 74) evoca no leitor o verso *o coração pressago nunca mente* (*Lus.* I, 84). Dá-se, entretanto, o reconhecimento indubitável:

*Ved'hum a que a verdade, sem respeito,
A fronte de dous louros tem coroada;
Que em suor vive a pátria de seu peito,
Pelo engenho, e não menos pela espada.
Para servi-la braço às armas feito;
Para cantá-la, mente às Musas dada;
Posto que o louvor próprio mal lhe esteja,
Quem louvará Camões, que ele não seja?*

XII, 65

O quinto e sexto versos são, quase *ipsis verbis*, retirados do final d'*Os Lusíadas* (X, 155) em que o poeta se dirige a D. Sebastião. O último verso pertence a um conhecido, e discutido, soneto de Diogo Bernardes, que ora foi lido como poema laudatório, ora como poema sarcástico. Ambiguidade talvez irresolúvel, que passa para o poema que estudamos, não tivesse António de Sousa de Macedo acrescentado o verso *Posto que o louvor próprio mal lhe esteja*. Onde se inspirou para este verso? No próprio texto camoniano, no princípio do discurso do Gama ao rei de Melinde:

*Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja*

Lus. III, 4

No discurso de Chiron, nem uma referência aos doze de Inglaterra falta:

*Quem são (pergunta Clito) esses armados,
Que juntos vi, e os nomes não dissestes?
E aqueles que em mais alto colocados
Vejo quase tocar globos celestes?
Os doze, os de Inglaterra são chamados
(Responde o sábio) conta a fama destes
História larga, e em armas tais extremos,
Quais de outros cavaleiros não sabemos.*

XII, 76

No Canto X da *Ulyssippo*, descreve-se um episódio de justas entre gregos e portugueses que, de certo modo, já respondera ao episódio relatado por Camões no Canto VI d'*Os Lusíadas*. As profecias de Chiron persuadem os lusitanos a grandes feitos.

Assi dizendo, hua ambição de glória

*Com tal vehemencia todos inflamava,
Que, negando a vãos gostos a memoria.
Com raptó no que viam lha ocupava.*

XII, 84

Por fim, já no último Canto, o XIV, Ulisses encontra junto a um louro um *livro guarnecido d'ouro* (XIV, 2). Nesse livro o herói lê quem governará Lisboa nos anos futuros até ao momento em que terá *novo governo de vesinha terra* (XIV, 15), referência subtil ao tempo do poeta.

Depois, a Sibila mostra-lhe um quadro que continua a revelar a Lisboa do futuro, nomeadamente a figura de São Vicente levita e mártir, a figura de Santo António e os santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, todas elas figuras associadas à fé cristã.

3. Considerações finais

Na seiscentista *Biblioteca Lusitana* do padre jesuíta Francisco da Cruz, que podemos ler manuscrita na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, o primeiro verbete é dedicado a António de Sousa de Macedo. Nele se lê esta nota curiosa sobre o poema *Ulissippo*:

O qual tem emendado para se reimprimir e o não faz, dizendo não convém à sua idade, o que deixa a seu filho e netos.

Tal não veio a suceder, e por isso perguntamos: que emendas teriam sido feitas ao texto? Queria Sousa de Macedo reparar alguns passos que haviam despertado uma reação mais negativa do público leitor? Algo dificilmente seria emendado de tão sólido que é: o diálogo estabelecido com *Os Lusíadas*. A Camões e a Sousa de Macedo muito os une, desde logo uma forte sensibilidade musical:

*As aves velozmente discorrendo,
O ar de várias penas esmaltando
Em recíprocos cantos respondendo
Iam suaves coros alternando
Em confusa harmonia suspendendo
Aos que alegres deixavam duvidando
Se era mais grato ouvi-las, se mais vê-las
Cantando doces, ou voando belas.*

III, 15

Esta sensibilidade partilhada faz de ambos os poemas peças de música com múltiplos tons:

— tom melancólico, caro ao maneirismo e ao barroco:

*Trabalha o homem, e anelante aspira
À glória que a vontade lhe afigura,
Sendo o jogo pueril, que em quanto gira
Vai cavando a si próprio a sepultura;
Quanto melhor vivera se advirtira*

*Que a vida vai morrendo no que dura;
Ah peito humano de ambição enfermo
A quem estreita cova he largo termo!* I, 40

Esta estrofe, com ligeiras modificações, pode ler-se em azulejos na capela da Igreja das Mercês onde repousa o túmulo do poeta:

*Trabalha o homem e anelante aspira
A glória que o desejo lhe afigura
Sendo o jogo pueril que enquanto gira
Vai cavando a si mesmo a sepultura.
Quanto melhor fizera se advertira
Que a vida vai morrendo no que dura;
Ah peito humano de cobiça enfermo,
A quem pequena cova he largo termo.*

— tom moralista:

*Só quem prudência tem he valeroso,
O valor não admite paixão cega,
De cuidar tudo o bom sucesso pende,
E quem não cuida, tarde se arrepende.* V, 75

— tom épico, crente no valor da virtude e da vontade humana:

*Ó companheiros, onde a força é tanta,
Onde o perigo nos parece certo,
Reine o valor, que o ânimo valente
É no risco maior mais excelente.* III, 46

*Entremos, pois, vereis que tudo rende
Nobre resolução deliberada;
Vereis que da vitória o fim depende
De ser somente a empresa começada;
Esse caminho só à vista ofende,
Cometei-o, vereis que he larga estrada,
Que a quem a segue aquele monte guia,
Onde a Virtude o chama a eterno dia.* XII, 13

*Se a virtude mostrar rosto severo
Dificultando os meios da conquista,
Já vistes como a glória, o vencimento
Consiste só no valeroso intento.* XII, 83

É difícil não reconhecer na *Ulissipo*, a par da herança da *Jerusalém Libertada* de Tasso, um diálogo permanente com *Os Lusíadas*: na invocação a Deus, na dedicatória a Santo António, no herói escolhido, no consílio das divindades infernais, na tempestade, na narração de

feitos passados, nas despedidas dos heróis lusos das suas terras, no globo universal apresentado por Galateia no interior do Tejo, na história de Dorínia, no drama do gigante Arroios, na profecia de Chiron em que não falta a estátua de Camões e até uma alusão aos doze de Inglaterra. A receção do texto é claramente condicionada pela mundividência do período da monarquia dual: é ela que justifica o grande amor por Lisboa. Costa e Silva escreveu:

É cousa na verdade notável, que tendo a Capital deste Reino dado o berço a quasi todos os mais celebres Poetas, que temos tido, todos elles se esquecessem de cantar, e celebrar a sua fundação, e antiguidade, deixando esses cuidados a dous Poetas, que lhe eram estranhos, a saber Gabriel Pereira de Castro, que nascera em Braga, e António de Sousa Macedo, que era natural do Porto.

SILVA 1853:120

E esqueceu-se Costa e Silva de André de Resende, nascido em Évora, que já em 1545 publicara o poema *Vincentius Leuita et Martyr*, em que se demonstra um grande amor por Lisboa, o decoro na descrição do amor, a fé cristã militante, vivida num ambiente de Contra-Reforma. A imitação levada a cabo por Sousa de Macedo não é uma reprodução acrítica dos modelos, como vemos na sua relação com os clássicos Homero e Virgílio e, sobretudo, com Camões. A luta discreta, mas contínua, com a sombra poética, sugerida pela reformulação de versos, pela ampliação/reescrita de episódios, pela adoção de uma mitologia própria (profundamente ligada à cidade de Lisboa), fica claramente expressa na estrofe em que refere Camões e pergunta, como Diogo Bernardes, e com uma indecifrável ambiguidade: *Quem louvará Camões que ele não seja?* (XII, 65). Fará sentido aplicar à nossa leitura a proposta de Isabel Almeida quando reflete sobre a interrogação de Diogo Bernardes: *Decerto, a interrogação tem dupla resposta: por trás de 'Ninguém', insinua-se 'Alguém, Eu'*. (ALMEIDA 2015:23). É legítimo pensar que o poeta queria o seu lugar no Parnaso dos épicos portugueses e a sua *Ulissipo*, na verdade, teima em resistir ao desgaste do tempo.

A admiração que nutre por Camões é a mesma, afinal, que ainda se manifestará no capítulo XXVI da sua obra *Eva e Ave, ou Maria Triunfante* (1676), que continua o capítulo XXV intitulado «Príncipio, progresso, e dignidade da Poesia; como a Virgem Santíssima a honrou, e sendo dada por Deos para utilidades, os homens usarão mal della». Nele Macedo deixa claro quem é o seu Camões:

Luís de Camões, insigne em todas suas obras, particularmente nas Lusíadas, em que na imitação de huma só acção, na honestidade della, na utilidade de sua leitura, na recreação acompanhada de erudição, e proporção, (partes essenciaes do Poema heroico) venceo sinaladamente os antigos, e modernos: só lhe são comparáveis Homero, Virgílio, & Tasso, excedidos ainda em algumas cousas; tam louvável no que disse, como em nam dizer mais, até nos pecados veniaes contentou.

MACEDO 1700:109

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isabel (2015) [Edições dos séculos XVII e XVIII](#), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II: Camões nos prelos de Portugal e da Europa (1563-2000)*, coord. José Augusto Cardoso Bernardes, Coimbra: Imprensa da Universidade / Fundação da Casa de Bragança, 23-39.
- ALVES, Hélio J. S. (2020) Luís de Camões 2, AAVV. *O Cânone*, Lisboa: Fundação Cupertino de Miranda / Edições Tinta-da-China, 515-521.
- ASENSIO, Eugenio (1974) España en la épica portuguesa del tiempo de los Felipes (1580-1640), Al margen de un libro de Hernâni Cidade, *Estudios Portugueses*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português, 455-493.
- CAMÕES, Luís de (2017) *Obras Completas de Luiz Vaz de Camões, I Volume, Épica e Cartas*, organização, introdução e notas de Maria Vitalina Leal de Matos, Lisboa: E-Primatur.
- CASTRO, Gabriel Pereira de (2000) *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, Texto estabelecido e comentado J. A. Segurado e Campos, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CIDADE, Hernâni (1950) *A literatura autonomista sob os Filipes*, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- CRUZ, Francisco da, *Catálogo de Autores Portugueses*, Cota 51-V-51 (Biblioteca da Ajuda).
- FERNANDES, Raul Miguel Rosado (1985) [Ulisses em Lisboa](#), *Euphrosyne* 13, Lisboa, 139-161.
- FERRO, Manuel (2004) *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Coimbra: [Edição do Autor], 301-304.
- FONSECA, Rui Carlos (2016) [A memória dos heróis gravada nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa](#), Jordi PÀMIAS (ed.) *Eratosthenes' Catasterisms: Receptions and Translations*, Mering: Utopica, 95-108.
- HATHERLY, Ana (1999) «Macedo, António de Sousa», *Biblos. Biblioteca Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. 3, Lisboa: Verbo, 298-301.
- KARK, Christopher (2014) [Portugal as Nostos Interrupted](#), *ellipsis* 12, 119-142.
- LOPES, Óscar & António José Saraiva (2001) *História da Literatura Portuguesa*. 17ª edição, corrigida e atualizada, Porto: Porto Editora.
- MACEDO, António de Sousa de (1640) [Ulissipo](#), Lisboa: António Álvarez.
- MACEDO, António de Sousa de (1700) [Eva e Ave, ou Maria Triumphante](#). *Theatro da erudição, e filosofia christã, em que se representam os dous estados do mundo: cahido em Eva, e levantado em Ave*, Impresso em Lisboa: à despesa de Antonio Craesbeeck de Mello, impressor da Casa Real.
- MACEDO, António de Sousa de (1848) [Ulyssippo. Nova edição](#), Lisboa: Typographia Rollandiana.
- MACEDO, António de Sousa de (2003) *Flores de España, Excellencias de Portugal*. Fac-símile da edição de Lisboa de 1631, prefácio de Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Villa Franca), Lisboa: Alcalá.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1741) António de Sousa de Macedo, *Biblioteca Lusitana*, tomo I, Lisboa Ocidental: na oficina de António Isidoro da Fonseca, 399-403.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira (2021) [Obras de António de Sousa de Macedo](#).
- NASCIMENTO, João Cabral do (1949) *Poemas narrativos portugueses: comentários, enumeração e excertos*, Lisboa: Minerva.
- RIBEIRO, Aquilino (2008) *Um Escritor confessa-se, seguido de Lances da minha vida: memórias*. Prefácio de Mário Soares, Nota preambular de José Gomes Ferreira, Lisboa: Bertrand.
- SILVA, Inocêncio Francisco da (1858) «António de Sousa de Macedo», *Diccionario Bibliographico Portuguez*. tomo primeiro, Lisboa: Imprensa Nacional, 276-278.
- SILVA, José Maria da Costa e (1853) [O Doutor António de Sousa de Macedo](#), *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*. Tomo V, livro IX, Lisboa: Imprensa Silvana, 113-154.
- SILVA, Pedro José Barbosa da (2015) [António de Sousa de Macedo: Diplomata, Conselheiro da Fazenda, Secretário de Estado](#). Dissertação de Mestrado em História: História Moderna, orientada pelo Doutor Fernando Taveira, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SOUSA, Jorge Pedro, *et alii* (2012) [Estudos sobre o Mercúrio Português \(1663-1667\). Discurso e Contexto](#), Covilhã: LabCom.